

# POVO MOÇAMBICANO VENCEU BATALHA PELA PACIFICAÇÃO DO PAÍS

— afirma Presidente Joaquim Chissano no seu regresso a Maputo

— "Não há vencedores ou vencidos no processo negocial de Roma entre o Governo e a Renamo. Os louros da vitória cabem a todo o povo moçambicano que, paciente e abnegadamente, soube aguardar pelo fim das hostilidades entre compatriotas", afirmou na manhã de ontem em Maputo, o Presidente Joaquim Chissano quando se dirigia a milhares de pessoas que o aguardavam no seu regresso de Roma onde, domingo, rubricou

A intervenção de Joaquim Chissano, à sua chegada, primou pelo tom reconciliatório entre os moçambicanos que expressam nos seus rostos o efeito da exaustão provocada pelo traumatismo provocado por mais de 15 anos de guerra, que ceifaram cerca de um milhão de vidas, causaram milhões de deslocados internos e externos e tiveram um impacto negativo na economia nacional e na vida social do país.

Eram cerca das 10.10 horas, quando a aeronave das Linhas Aéreas de Moçambique manobrou na placa de estacionamento do Aeroporto Internacional de Maputo. A população convidada juntou-se ao grosso do público que usando os seus próprios meios se deslocou ao aeroporto para receber o Presidente Joaquim Chissano e acolher delegações governamentais, que durante 27 meses encontrou pontos de

entendimento com representantes da Renamo, na capital italiana.

Dísticos em pano desfaldado ou cartões gigantes saudaram o regresso da comitiva governamental. "Paz em Moçambique", "Chissano Garantia da Unidade Nacional", "Viva o Presidente Joaquim Chissano", "Assante Chissano, Obreiro da Paz", "Kanimambo Chissano Obreiro da Paz", "Presidente Joaquim Chissano Arquitecto da Unidade Nacional", "A Paz Nossa Meta" e "A Província do Maputo Saúda o Acordo", são algumas das aclamações públicas expressando solidariedade com os negociadores e reconhecimento pelo esforço dispendido para o alcance da almejada paz, trampolim para a reinserção de moçambicanos, na reconciliação e reconstrução nacionais.

Depois de ter recebido cumprimentos de boas-vindas de membros do Conselho de Ministros e

o Acordo Geral de Paz com o líder da Renamo, Afonso Dhlakama. Ainda ontem, o Chefe do Estado deu uma conferência de imprensa a jornalistas nacionais e estrangeiros e presidiu à sessão do Conselho de Ministros para análise do relatório de Roma e deliberação sobre acções que deverão ser implementadas, para substanciar o compromisso interno e internacionalmente assumido pelas partes signatárias.

da Assembleia da República, o Presidente Joaquim Chissano acolheu honras militares prestadas por uma unidade das FAM/FPLM, deslocando-se em seguida para o local onde se encontravam distribuídos, segundo suas hierarquias, representantes das agências das Nações Unidas e das missões diplomáticas acreditadas em Maputo, depois de uma breve paragem onde recebeu rosas vermelhas de um grupo de crianças.

Associações sócio-profissionais, confissões religiosas, "grupos dinamizadores", administradores dos distritos urbanos, funcionários da autarquia da capital, empresários e um público empolgado com a singularidade do evento encheram por completo a distância que medeia o "Boeing" das LAM, que trouxe Chissano de Paris para Maputo e o pódio onde o Chefe do Estado momentos depois apresentou o seu discurso de

agradecimento.

Esta mesma população aproximou-se gradualmente do Chissano e seu elenco para ver de perto e saudar os negociadores que momentos antes haviam sido apresentados pelo Chefe do Estado à saída da aeronave, simultaneamente à exibição da pasta contendo os textos do Acordo Geral de Paz, assinado domingo último em Roma com a Renamo. À medida que Chissano percorria o local de concentração do público, o rufar de tambores, dos grupos culturais aumentava o som, a coreografia tendia a alterar as vozes moduladas dos cantores. O crescendo do frenesim atingia o ponto culminante. Tornou-se cada vez mais difícil discernir quem realmente fazia parte da equipa negocial, dos populares que acorreram ao aeroporto para a recepção. Era uma amálgama de gente indistinta, a reunificação dos enviados do Governo com as respectivas famílias, colegas e conhecidos.

Pouco depois de ter aterrado o último dos seis pára-quadristas lançados às 10.20 horas, num acto que fez parte desta cerimónia, o Presidente Joaquim Chissano subiu ao pódium e deu "vivas" à Paz, Democracia, Unidade e Solidariedade entre os moçambicanos, tendo depois feito uma sucinta explanação sobre o processo das negociações de Roma, até ao desfecho, com a assinatura do Acordo Geral de Paz.

Congratulou todos os compatriotas que, paciente e abnegadamente, trabalharam para que a paz em Moçambique seja duradoura e anunciou que as partes signatárias do acordo em Roma se comprometem a salvaguardar o cumprimento do seu conteúdo, tomado em nome de todo o povo moçambicano do Rovuma ao Maputo.

Numa linguagem que se caracterizou por um tom conciliatório e que prepara a concórdia nacional, Chissano exortou todos os moçambicanos a assumir o compromisso da defesa da paz.

— "Não importam as diferenças políticas, étnicas, religiosas ou quaisquer outras. Vamos festejar, porque esta vitória não foi da Frelimo ou da Renamo. Foi ganha por vós, povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo", frisou.

Sublinhou que as armas devem se calar de bramir a sua mensagem de morte e que todos os compatriotas, sejam eles da Frelimo, Renamo ou quaisquer outras forças políticas, se juntem à grande família moçambicana que está a lutar pela paz e bem-estar.

Disse que a Assembleia da República vai-se reunir para incorporar as asserções constantes dos protocolos de Roma, advertindo que o momento que se avizinha vai ser caracterizado pela necessidade de o povo moçambicano tirar lições do passado, logo após o fim da guerra colonial.

O "Boeing" das LAM baptizado com o nome de "Zambeze", que transportou o Presidente Chissano para a capital moçambicana, incluiu a bordo o chefe da equipa negociadora, por parte do Governo da República de Moçambique, o Ministro dos Transportes e Comunicações, Armando Guebuza, os Ministros da Administração Estatal e do Trabalho, respectivamente, Aguiar Mazula e Teodato Hunguana, o Assessor Diplomático do Presidente da República, Francisco Madeira e oficiais superiores do Exército moçambicano liderados pelo Comandante Tobias Dai, bem como o coordenador dos mediadores, o Arcebispo da Beira, D. Jaime Gonçalves e outras personalidades ligadas ao processo.